

## A trajetória do atleta brasileiro com deficiência nos Jogos Paralímpicos

Da Mata, C.P.; Bagatini, L.; Iasi, T.C.P., Figueiredo, G.A., Mauerberg-deCastro, E.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP Rio Claro

### Resumo

O contexto do esporte de elite no Brasil e o sucesso nos Jogos Paralímpicos (JP) parecem depender do desempenho de veteranos que continuamente dependem de subsídios das instituições às quais está vinculado. A entrada de novos talentos entre a elite do esporte Paralímpico ainda é um desafio que confronta com a necessidade de *esportes para todos*. O objetivo deste estudo foi analisar a trajetória do atleta brasileiro com deficiência quanto à sua permanência nos ciclos Paralímpicos. Para tal foram utilizadas as relações nominais dos atletas brasileiros contidas nas bases de dados do *International Paralympic Committee* (IPC). Os registros utilizados datam de 1972 a 2016. Observamos que alguns atletas brasileiros permanecem de 8 a 24 anos vinculados à seleção nacional. Esses achados podem reforçar um paradoxo na trajetória do atleta Paralímpico: de um lado o fato em torno da importância do vínculo de longo prazo com o esporte por pessoas com deficiência, e de outro, o fato de que políticas institucionais ignoram impactos negativos da transição de carreira e ainda não oferecem alternativas a esses veteranos quando atingem idades avançadas.

### Abstract

The context of the elite sport in Brazil and the athletic success in the Paralympic Games (PG) seem to rely on the veterans' performances and they, in turn, continuously depend on the financial support of sport institutions. The limited appearance of new sport talents among the elite of the Paralympic sport is still evidence that conflicts with the notion of *sports for all*. The aim of this study was to analyze the trajectory of the Brazilian athlete with disabilities regarding their participation in the Paralympic cycles. We used the nominal list of Brazilian athletes recorded in the databases of the International Committee Paralympic (IPC). These records date from 1972 to 2016. We found that some Brazilian athletes remain 8 to 24 years connected to the national team. These findings may reinforce a paradox in the trajectory of the Paralympic athlete: on one side is the fact that about the importance of long-term connection with the sport by people with disabilities, and the other fact is that institutional policies ignore the negative impacts of career transition and still do not offer alternatives to these veterans when they reach advanced ages.

### Introdução

O primeiro programa de esportes para pessoas com deficiência foi organizado por Ludwig Guttmann em 1948, que alguns anos depois inspirou os Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, um dos marcos no movimento Paralímpico. A primeira edição dos Jogos Paralímpicos aconteceu em 1960 em Roma com a participação de 400 atletas representando 23 países (Mauerberg-deCastro, 2011). A primeira participação do Brasil aconteceu nos Jogos Paralímpicos de Heildeberg/Alemanha em 1972 com a participação de oito atletas. Desde então o Brasil vem mostrando um crescimento em termos de número de participantes. Na maioria da sua história, a seleção brasileira ficou restrita a improvisada participação e na

dependência de investimentos pessoais. A partir da criação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em 1994, o esporte para deficientes começou seu vínculo com uma instituição representativa no IPC. Um ciclo Paralímpico ocorre a cada quatro anos e muitos atletas participam em mais de um ciclo. É imprescindível que estratégias por parte das instituições que regulamentam os programas Paralímpicos nacionais não apenas deem suporte de longo prazo aos atletas de elite, mas os acompanhem na transição na carreira dada sua dependência com a reabilitação. Ainda, essas instituições devem condicionar a iniciação nos programas esportivos (categorias de base) a oportunidades para todos e não apenas como estratégia de detecção de talentos (Mauerberg-deCastro et al., 2016a,b). O objetivo deste estudo foi analisar a trajetória do atleta brasileiro com deficiência quanto à sua permanência nos ciclos Paralímpicos.

### Método

Neste estudo, com foco quantitativo, utilizamos a lista nominal de atletas brasileiros registrada na base de dados do site do IPC desde a sua primeira aparição nos JP em 1972. Computamos a participação recorrente de atletas ao longo dos ciclos Paralímpicos.

### Resultados e Discussão

A Tabela 1 mostra os registros consolidados no período de 1972 a 2016. Por exemplo, de 1996 a 2008, aproximadamente 20% dos atletas participaram de mais de 2 ciclos dos JP, ou seja, vínculo de 8 anos na elite esportiva. Em 2012, 30% era veterano.

Tabela 1 - Total de participações de atletas brasileiros em JP.

Edições	Total de atletas	Participações (ciclos Paralímpicos)				
		2	3	4	5	6
1972	8					
1976	22	2				
1980	2	1				
1984	30					
1988	58	13				
1992	41	8	5			
1996	60	11	3			
2000	63	13	6	1		
2004	95	19	12	3	1	
2008	186	39	15	9	3	1
2012	181	57	14	6	3	
2016	302	29	40	9	1	3

Fonte: IPC (2017)

A permanência por mais de dois ciclos Paralímpicos, ou seja, por no mínimo 8 anos de dedicação ao esporte

pode ser observada a partir de 1976. À medida que o número de participantes brasileiros entre edições aumenta, há uma maior representação de atletas em duas, três, até seis edições dos JP. Esta reincidência vincula atletas à seleção nacional de 8 a 24 anos, como pode ser observado na Figura 1.

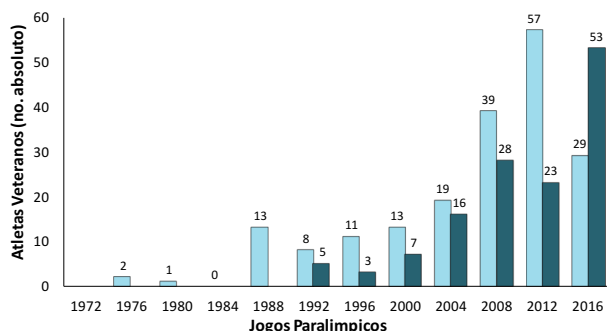


Figura 1. Atletas brasileiros com duas ou mais participações em JP (Fonte: IPC, 2017)

A trajetória desses atletas nos faz refletir sobre as ações por parte das instituições esportivas no sentido de preparar os atletas para as distintas fases que os mesmos estarão vivenciando ao longo da carreira esportiva. A formação no esporte e as primeiras representações quase sempre ocorrem de forma improvisada, ou seja, sem uma direta ação na iniciação por organizações esportivas ou em programas de apoio governamental. O período no alto rendimento (período “ativo”) atualmente vem sendo recompensado por programas de bolsas e prêmios, porém após as conquistas de medalhas nos JP. O apoio na transição de carreira (aposentadoria esportiva) é ainda um assunto desconhecido, exceto por iniciativas de atletas ou do próprio CPB (Mauerberg-deCastro et al., 2016a,b). A frequência de atletas em vários ciclos Paralímpicos pode refletir uma falta de suporte institucional para renovação dos atletas e restrições de acesso aos novos talentos. Ainda, atletas veteranos não tem outra opção de investimento pessoal além do esporte de elite. Mesmo que o esporte continue integrado à reabilitação e preservação da saúde, opções fora das equipes nacionais consagradas podem ficar restritas geograficamente e sem o apoio técnico (e médico) necessário a um ex-atleta com idade mais avançada. O impacto de uma carreira de alta performance extremamente longa sobre um atleta com deficiência resume-se também aos riscos de lesões associadas ao quadro da deficiência que podem colocar em risco sua carreira e sua saúde nas idades mais avançadas. Considerando todo o contexto do alto rendimento, algumas questões extrapolam aspectos de técnicos, como as consequências sociais na interrupção das atividades esportivas por lesão, antecipando um afastamento ou até mesmo a aposentadoria no esporte.

Paradoxalmente, o afastamento do atleta do alto rendimento pode acarretar perdas funcionais que diminuem sua habilidade com afazeres da vida diária, além de conflitar com sua identidade de atleta (e não de pessoa com deficiência) dentro da sociedade. Mauerberg-deCastro et al. (2016b) afirma que o planejamento na transição de carreira no esporte Paralímpico depende de vários elementos como número de anos dedicados ao esporte, experiência e participação em eventos esportivos. Atletas veteranos de idade avançada podem encontrar dificuldade em retomar sua vida além do esporte (e.g.,

responsabilidades com a família, profissão e emprego). Essa jornada com incertezas é um fato na vida desses atletas brasileiros. Não sabemos o que aconteceu com os atletas que já deixaram o cenário da competição de alto nível. Este desconhecimento sobre opções para a vida pós-esporte é causa de estresse para inúmeros atletas veteranos de outros países (Wheeler et al., 1999).

## Conclusões

Planos efetivos de implantação, acompanhamento e orientação pós-carreira esportiva são ainda desconhecidos, mesmo notada a emergente reincidência de participação de atletas entre ciclos Paralímpicos. Esses dados reforçam a necessidade de um maior aprofundamento sobre a trajetória do atleta Paralímpico e estratégias institucionais para minimizar possíveis impactos negativos em processos de transição de carreira. A importância do vínculo de longo prazo com o esporte por pessoas com deficiência é consenso, porém políticas institucionais ignoram impactos negativos da transição de carreira e ainda não oferecem alternativas a esses veteranos quando atingem idades avançadas.

## Referências

- Mauerberg-deCastro, E.; Campbell, D.F.; Tavares, C.P. The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports, *Motriz*, v.22 p 109-121, 2016a.
- Mauerberg-deCastro, E., Figueiredo, G.A., Iasi, T.C.P., Geluk, T.A.C.M., & Bagatini, L. Fatores que afetam a carreira esportiva de alto rendimento do atleta com deficiência: uma análise crítica. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, 17(02), 2016b.
- Mauerberg-deCastro, E., *Atividade Física Adaptada*. Ribeirão Preto: Novo Conceito, 2011.
- IPC. International Paralympic Committee. *IPC Historical Results Archive*. Disponível em: <https://www.paralympic.org/results/historical>. Acesso em 10 abr. 2017.
- Wheeler, G.D., Steadward, R.D., Legg, D., Hutzler, Y., Campbell, E., Johnson, A. Personal investment in disability sport careers: an international study. *Adapted Physical Activity Quarterly*. 16(3):219-237. 1999

## Nota dos autores

Carla Patrícia da Mata, Leandro Bagatini, e Thayná Cristina Parsaneze Iasi são mestrandos do programa de Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Unesp, Rio Claro.

Gabriella Andreetta Figueiredo é doutoranda no programa de Psicobiologia da Universidade de São Paulo, USP, Ribeirão Preto.

Eliane Mauerberg-deCastro, professora Adjunto, aposentada na Universidade Estadual Paulista, Unesp, Rio Claro.

### Contato

Carla da Mata  
E-mail: [cdamata14@gmail.com](mailto:cdamata14@gmail.com)